

**CARRINGTON, Leonora. *Lá embaixo*. São Paulo: 100/cabeças, 2020, 96 p.**

Elys Regina Zils<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina



Fonte: divulgação da editora

Leonora Carrington (1917-2011), considerada a última sobrevivente do movimento surrealista, nos revela sua relação íntima com a loucura na obra *Lá embaixo*. A narrativa se desenvolve em um período de sua vida no qual as margens da realidade e da loucura se dissipam. Na obra, ela compartilha sua experiência como interna no hospício em Santander (Espanha), durante seis meses, em uma mescla de momentos de pouca realidade com outros muito dolorosos.

A pintora e escritora que fora criada para dar continuidade à vida da alta burguesia segundo os desejos da sua família, demonstrou sua rebeldia desde cedo, sendo expulsa de colégios antes de se dedicar à arte. Aos 16 anos começa a estudar pintura em Florença, na Academia de Arte da Sra. Penrose.

Em uma exposição, em 1936, Carrington encontra o trabalho do surrealista Max Ernst. Por acaso, para permanecer no território insólito do surrealismo, quando criança ganhara da sua mãe o exemplar de *Surrealism*, editado por Herbert Read, que já despertara

---

<sup>1</sup> Tradutora, professora, artista visual. Mestra em Estudos da Tradução pelo programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). E-mail: elysre@gmail.com.

seu interesse pela a pintura do alemão. Ambos se encontraram em uma festa, em Londres, em 1937, e se unem em paixão. Vivem e fazem artes juntos em uma casa no sul da França.

A partir de aqui começa a história relatada em *Lá embaixo*, com a prisão de Max Ernst, que fora levado para um campo de concentração, em 1940, por sua origem e arte considerada degenerada. Carrington conta como foram os dias seguintes, da sua partida com amigos rumo à fronteira e a percepção de si mesma como o carro que enguiça nos brinda com o primeiro estágio do que irá se desenvolver na sequência. O cenário de fundo é testemunha de um tempo de morte e dor: “fiquei muito entusiasmada ao entrar na Espanha: senti que ali era meu reino; que a aquela terra vermelha era o sangue seco da Guerra Civil. Fiquei engasgada com os mortos, com sua presença densa naquela paisagem dilacerada do interior” (CARRINGTON, 2021, p. 15) O percurso termina com Carrington sendo dopada com gardenal e anestesiada, em suas palavras “fui entregue como um cadáver ao Dr. Morales, em Santander” (CARRINGTON, 2021, p. 21).

Desse momento em diante, o leitor acompanha a autora pelos interiores do sanatório e da cosmologia dos seus pensamentos e associações mágicas. O ovo que é microcosmos e o macrocosmos, ser amarrada nua na cama, um triangulo desenhado no papel que tudo explicaria, medicações, transes, convulsão induzida pelo Cardiazol, a sensação de estar no fundo do poço com o cérebro derretendo por toda a eternidade na essência da mais profunda angústia, os objetos ordinários do seu quarto transformados em soluções para problemas cósmicos, o cajado filosfal e os passeios no jardim, a ida para Lá embaixo (outro pavilhão de loucos), a busca pela liberdade física, pela liberdade dos seus pensamentos.

Sua família decide por seu traslado para um sanatório na África do Sul. Nesse movimento, ela consegue fugir em Lisboa ao enganar sua cuidadora, que estava a mando da família, com a alegação de comprar luvas e uma ida ao banheiro. Escapa pela porta dos fundos. Pega um táxi e vai direto para a Embaixada mexicana. Então Renato Leduc, amigo de Picasso, a ajuda. Se casam para fugir e vão para Nova York e depois de um ano se mudam para o México, onde Carrington irá se fixar. O testemunho termina deixando para trás esse período de sofrimento e com a afirmação: “nunca mais vi meu pai”.

Três anos depois, surge o primeiro manuscrito em inglês do relato, mas que foi perdido. Em 1943, temos a segunda versão em francês, publicada na *Revista VVV*, número 4 (1944), com tradução de Victor Llona. O livro em francês foi publicado em 1945, pela Éditions Fontaine. E a versão em inglês foi reeditada em 1983, pela Black Swan Press por membros do grupo surrealista de Chicago. Ambos os textos foram revisados pela própria Carrington em 1987.

No ano de 2021, o Brasil ganha edição da obra traduzida por Alexandre Barbosa de Souza pela editora 100/cabeças. O posfácio foi escrito por Marcus Rogerio Salgado e a apresentação por Diogo Cardoso. Essa tradução brasileira tem como base a última versão, revista e ampliada em 1988, pela New York Review Books. Impresso em papel munken, colaborando com o tom intimista, o livro possui um belo projeto gráfico elaborado por Lucas Blat. Os retângulos vazados na capa, como janelas, revelam partes da surrealista e nos convidam a descobrir mais sobre essa artista forte e rebelde no seu interior. O símbolo da janela mencionado no *Manifesto Surrealista* com a visão de Breton de um homem cortado em dois por uma janela, também presente em diferentes pinturas de Leonora Carrington, como *Autorretrato*, *Bird Pong* e *Friday the 13th*, reverbera aqui nessa abertura onde sonho/alucinação e vigília se confundem. Um convite para o conhecimento da própria mente.

Cabe destacar que Leonora e Max Ernst participaram do grupo Surrealista em Paris. Nessa época já figuravam algumas mulheres no grupo, porém ainda estavam em uma posição mais marginal em comparação com o núcleo masculino ao redor de Breton. Essa vanguarda elevou a mulher, mas como musa, objeto erótico e por terem acesso mais facilmente ao inconsciente, segundo acreditavam. Nesse cenário, mais uma vez fica claro a vontade de Carrington exercer sua liberdade em todos os níveis, quando afirma que não quer ser chamada de musa. Não se considerava uma *femme-enfant*, como André Breton queria ver as mulheres. Achava isso humilhante. (CARRINGTON, 1993). Leonora Carrington foi uma artista transgressora, que sobreviveu “com muito ‘cabrón trabajo’, como se diz no México” (CARRINGTON, 1993).

## REFERÊNCIA

ORGAMBIDES, Fernando. Leonora Carrington: “No me arrepiento de mi vida”. *El país*, 17 de abril de 1993. Disponível em: Leonora Carrington: “No me arrepiento de mi vida” | Cultura | EL PAÍS (elpais.com). Acesso em: 26 maio 2021.

